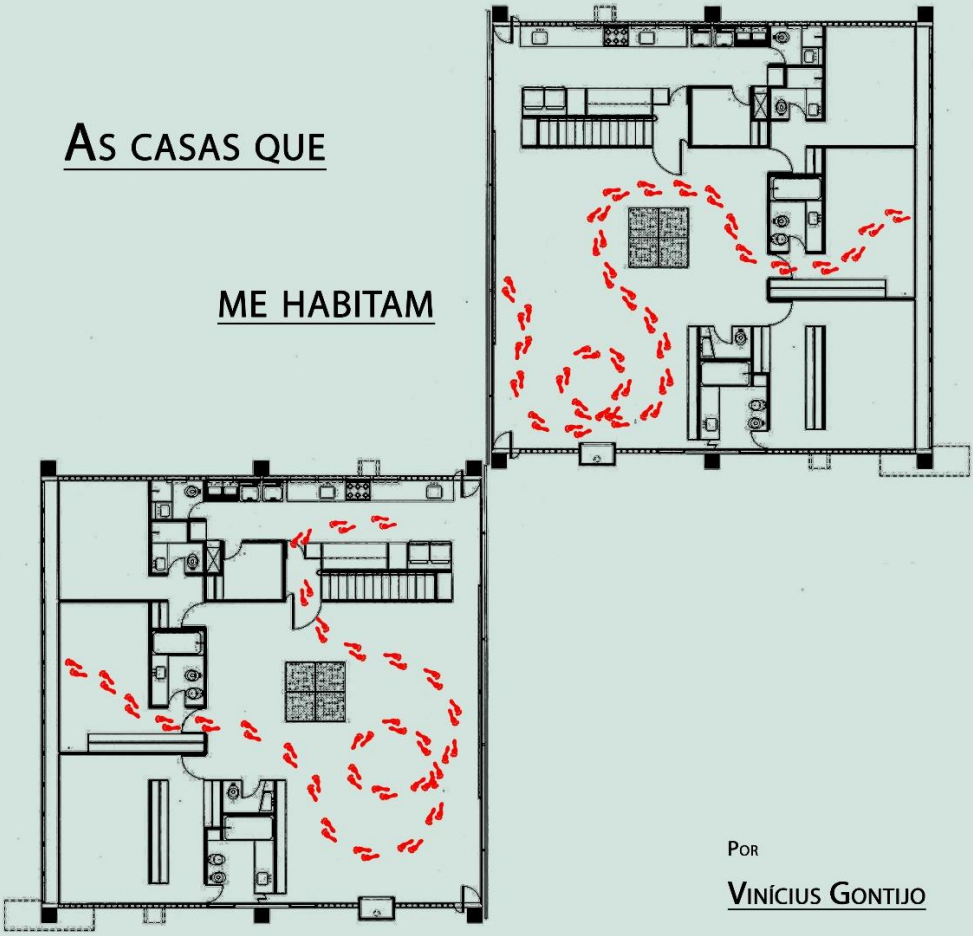
As casas que me habitam



Por

Vinícius Gontijo

As casas que me habitam

por

Vinícius Gontijo

As casas que me habitam[1]

[1] Este conto é indicado para 14+.

Realização:

BOLSA DE FOMENTO À CRIAÇÃO UFMG

PRAE
PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

DAC
DIRETORIA DE AÇÃO CULTURAL

UFMG

Este conto foi produzido por meio do Programa de Fomento Cultural - Bolsa de Fomento à Criação / Estudante UFMG.

À Patrícia, minha companheira de vida
e de pandemia.

Ao Fábio M. Barreto e ao Rob Gordon, do podcast *Gente que escreve*, pelo trabalho e pelo incentivo, mesmo que indireto.

O telefone tocou três vezes. Na primeira, não ouvi. Dormia um sono pesado, sem sonho ou pesadelo, apenas entregue ao descanso. Eu estava apagada. Na segunda escutei, mas estava embriagada demais para acordar. Na terceira, enfim, despertei como quem deixa a tumba. Pesada, anacrônica, mal-ajambrada, e exalando séculos de ira egípcia.

O mundo e o dia do hoje desabam, agora, sobre a minha cabeça que se levanta. Apalpo os cobertores e tateio embaixo do travesseiro sem encontrar o aparelho. Aos poucos me sobe um acesso de estresse. Embolo as cobertas nas mãos e nos braços, cheia de irritação e ansiedade, enquanto o celular permanece esganando. Atiro, então, as cobertas para o alto e descubro que o celular

caiu debaixo da cama durante a noite. Na minha cabeça o eletrônico esgoela como uma criança birrenta. Bufo antes de me agachar para apanhá-lo, ao mesmo tempo que maldigo a vida. Vejo, por fim, o objeto retangular encostado contra a parede. Na tela, a frase "Trampo mano" pisca e tremula. Finalmente, com o telefone nas mãos, resmungo mais um pouco. Gostaria de ficar por aqui mesmo, com uma metade do corpo escondida debaixo da cama e a outra metade estirada para fora, sentindo a barriga e as pernas no fresco do chão.

Quando criança era comum e divertido me esconder sob a cama, se de casal, melhor ainda. Com o tempo, percebi que não era um esconderijo tão bom quanto eu imaginava. Não só meu irmão, Lázaro, me encontrava assim que contava dez, como nos filmes era o primeiro lugar do quarto que o vilão procurava pela vítima. Por isso, mas não só por isso, passei a preferir o guarda-roupa. Para entrar ali, aliás,

não precisava engatinhar ou me arrastar, o que facilitava bastante. Sem contar que hoje isso me parece ridículo. Detesto o instante que preciso me debruçar para procurar por um sapato perdido sob a cama. Já no guarda-roupa, entre os vestidos e os casacos que pendiam dos cabides, aprendi a me ocultar como uma gata, cheia de segurança e conforto. Ao fechar a porta do móvel, tinha a sensação de penetrar em um mundo cheio de privacidade e silêncio. Eu me entregava à imaginação de seres, universos e histórias encantadas, encolhida no meio das roupas da minha mãe, que exalavam à amaciante e cuidado.

Com receio de perder a chamada, levanto pondo os bofes para fora e desabo sobre a cama, com o camisão me subindo pelo umbigo e, por trás, pregando na minha bunda. Sinto uma gastura tremenda e enquanto retiro o tecido, confiro a tela do celular mais uma vez: "Trampo mano". Mais desperta do que antes, percebo que a raiva e o mau-humor cedem

lugar, passo a passo, ao susto e à ansiedade. É do hospital. Apesar da atual situação, não é comum ligarem, o que justifica o meu cagaço.

Atendo.

Meu irmão, Lázaro, de vinte e sete anos, enfermeiro há cinco, está na UTI.

Covid-19.

O medo se afasta com a carga da certeza imposta pela angústia e, nesse exato momento, eu me encontro junto à vaguidão espontânea da pergunta: "como isso pode acontecer com ele... e com a gente? Não pode ser!" Mas, sim, é claro que poderia acontecer, com ele e com qualquer um de nós.

Do outro lado da linha, uma voz desconhecida pergunta se ainda estou no telefone. Pendurada e inútil pelo celular, eu estou. – "Alô? Laura... Alô?" – pergunta de novo a enfermeira. Minutos se passaram e a informação de que meu irmão corre risco de vida lateja no ar, no computador desligado ao lado da cama, no travesseiro amassado, no

meu corpo. Procuro me reencontrar, pergunto por mim mesma. Mas, uma inércia se expande do meu umbigo e se espalha pelos meus braços e pernas.

A súbita ameaça de morte se mistura com a também súbita ideia de que há roupa úmida na máquina. Coloquei para bater ontem à uma da manhã, três horas antes de me deitar. Tenho aproveitado que todos os moradores do prédio se refugiaram nas casas e sítios das famílias, como nobres cortesãos durante a grande pandemia de bubônica, para lavar as roupas que se acumulam e soterram o cesto sob a montanha de tecido sujo. A pior parte, sem dúvidas, é estender. Se ao menos fosse em um varal, desses de terreiro... Mas, não, em um apartamento o único jeito é pendurar nesses suportes de chão. Há todo uma concentração para cada peça estirada. Isso explica o cheiro habitual de cachorro molhado nos meus pijamas pelos últimos dois meses.

Continuo sem responder. A pessoa do outro lado da linha, então, toma frente e decide adivinhar os meus sentimentos. Embora o meu corpo seja só desolação, minha mente perambula agora pelo brigadeiro que comerei assistindo ao primeiro seriado que encontrar na TV. A enfermeira falha em seus presságios e eu me culpo por ela se compadecer daquilo que supostamente eu sinta:

– Olha, eu sei que é difícil, ainda mais nessas circunstâncias, mas vai ficar tudo bem! – Ainda no vácuo, a voz áspera de uma senhora que beira a terceira idade, continua: – Tenha fé em Deus, coloque nas mãos do Senhor. Você vai ver, seu irmão é um homem forte, já já estará aqui nos aporrinhando pelos corredores do hospital! – Ri ao tentar desviar do silêncio que insisto em impor sem querer à conversa.

Por reflexo, retribuo a risada na intenção de não aprofundar o constrangimento da situação ou para disfarçar o quão alheia estou sobre isso que tomba sobre mim. – Sim, ele vai,

sim. – digo automática. – Mais alguma coisa? – antes mesmo de perguntar ouço uma voz na minha cabeça que questiona "que merda de pergunta foi essa?" – Bom, quero dizer, o que eu preciso fazer agora?

– Olha, por enquanto, a melhor coisa a se fazer é ficar em casa. Não é permitido acompanhantes, sabe? O contágio... é muito perigoso! – aconselha pesarosa.

– Compreendo... – minto, com a leve impressão que a ideia de perigo seja um tanto quanto infantil. – Ele está com o celular dele? – me sinto, finalmente, aliviada ao perguntar algo que fizesse sentido diante da má notícia.

"Está, sim. Mas está repousando. Com certeza, quando estiver melhor, ele falará com você."

"Ok, obrigada."

– Laura, não é? – confirma e, sem aguardar a minha resposta, prossegue: – Eu e meus colegas garantiremos que seu irmão

receba o melhor cuidado possível, eu prometo. "Eu sei, muito obrigada."

Desligo o telefone.

Sentada na cama, olho, estática, para um ponto que se alonga em uma infinita linha através do chão. Meu olhar segue sem chegar em lugar algum, retira-me do tempo e do espaço. O único movimento possível de se ver em toda a casa é o da lágrima a escorrer pela minha bochecha. Sinto cócegas no meu bigode antes de ela cair. Segundos, minutos, horas ou talvez até dias se perderam até eu me reconhecer sentada, ausente e petrificada na beirada da cama. Atrancada, travo uma batalha com a vontade de me deitar novamente. Procuro me esquecer. No entanto, sei que preciso ligar para os meus pais. Eles devem estar endoidecendo de preocupação.

Pego o celular mais uma vez. Nele estão registradas três chamadas perdidas, mas sequer me lembro dele tocar. Como era de se esperar, as três são da minha mãe. Pressiono os

números com pesar, porém sou interrompida pela mudança de tela que salta sob o meu dedão o contato "Mamãe". Atendo.

"Oi, mãe."

"Oh, minha filha, você está sabendo?"

"Sim, mãe, acabei de falar com alguém do hospital. Fiquei tão assustada que esqueci de perguntar o nome da pessoa."

"Pois é, minha filha, o que nós vamos fazer? Aliás, como você está?"

"Tá tudo bem, mãe. Vamos esperar e torcer para ele sair dessa."

"Temos que rezar muito pelo seu irmão, Laura."

"Sim, rezar também, mãe."

Não rezarei, talvez o fizesse há cinco anos atrás, mas não agora. Se bem que, não sei se oração ou uma espécie de mantra, mas algo do tipo tem reverberado pela minha cabeça durante os últimos dias. De qualquer maneira, acho que é a primeira vez que vejo a minha mãe assim, como que indefesa, com a voz chorosa,

esperando por consolação. Essa mãe no telefone não tem nada a ver com a mãe que eu conheço, durona e cheia de sorriso, mesmo nos piores momentos, e que vivia dizendo que tudo é fase na vida. Compreendo, finalmente, que sou eu a pessoa que precisa ser forte... por eles, minha mãe, meu pai e meu irmão. "Tenho que deixar eles tranquilos." O meu pai então, nem se fala, provavelmente já deve estar movendo alguns pauzinhos para chegar até o meu irmão.

"Laura..." – retorno para o celular.

"Oi, mãe."

"Te amo, viu minha filha?"

– Eu também, mãe! Vai ficar tudo bem, a senhora vai ver. Você sabe como o Lázaro é forte e teimoso. – para a minha surpresa repito o que enfermeira do hospital me dizia há pouco.

– Você tem razão, filha. Seu irmão vai superar isso. Seu pai mandou um abraço pra você. Ele está bem sensível, não tem coragem de falar no telefone por enquanto – cochichou.

"Imaginei. O lado durão dele é sempre o primeiro a cair, né mãe?"

"É mesmo, lembra o quanto ele chorou na formatura do seu irmão?" – ria emocionada.

"Com certeza, e toda aquela conversa dramática sobre os amores da vida dele. Ele não engana ninguém. Manda outro pra ele. Amo vocês."

"Também te amamos, filha."

"Mãe, tenho que ir, a casa tá um nojo."

"Tá bom, vê se você se cuida, hem? Beijo, te amo!"

Nunca reparei naqueles detalhes e marcas de uso na porta do guarda-roupa. Ao redor da maçaneta, os tons frios dos rastros de maquiagem denunciam a minha rotina e o matiz vibrante, ao contrário, revela a maneira como eu gosto de sair à noite... quer dizer, gostava, eu acho. Encontro a minha volta um quarto repleto de objetos jogados e esquecidos. Meus olhos estacionam sobre cada um deles e todos me dizem a mesma

coisa: “Você está de quarentena.” As roupas pelo chão não insinuam pressa, o prato com o resto de bordas de pizza e os copos empilhados no móvel ao lado não representam falta de tempo, ou aquela calcinha pendurada pela TV, que não me recorda a ansiedade e o desejo pelo sexo de ontem. Nem sei como ela foi parar ali. A taça de vinho ao pé da cama e eu compartilhamos do mesmo tédio. Restamos como fissuras de tempos distantes que pertencem a uma outra vida. Uma que tive e que, agora em repouso, surge diante de mim tão distraída... automática até; eu diria. Estou longe dos meus pais e do meu irmão, com quem divido o apartamento. Este que da noite para o dia passou a ser praticamente meu. A minha vida, antes regulada por compromissos, aulas e tarefas diárias passa ao largo. Esse apê, que antes era pequeno demais, agiganta-se a minha volta. Ousa a não querer ser a minha casa, mas um lugar de fuga, um sumidouro improvisado. Não estou presa, repito para mim

mesma. Mesmo que não mais encontre sentido no que é meu e naquilo que supunha querer para mim. Não me reconhecendo, fui obrigada a desbravar o meu próprio mundo.

Já são mais de sessenta dias do que antes eu entendia como quarentena. De um dia para o outro o que era quarentena se transformou em isolamento social, para, enfim, definir-se como distanciamento físico. Afinal, eu não estou enferma, apenas me retirando de cena para o meu bem e o bem dos outros ao meu redor. Seja o que for, as palavras ganharam peso renovado e é isso o que tenho, mesmo sabendo que alguns poucos fazem malabarismos com suas medidas e significados. Quando o limite da expansão de nossas ações é a porta de casa, dizer se torna algo fundamental e também perigoso. Não que antes não o fosse, mas a proximidade e o contato diário com aquilo que nos é familiar e externo deixam tudo tão mais suportável e tão

mais distraído. Em solidão, dizer algo ou não tramita entre a lucidez e a insanidade.

Durante esse tempo meu irmão não mais voltou para casa. Dividia... divide, melhor dizendo, o aluguel de um apartamento próximo ao hospital com dois colegas do trabalho, todos eles com o intuito de proteger suas famílias. Para piorar, conversamos pouco nesse período. A jornada de trabalho dele dobrou não apenas pela epidemia do novo coronavírus, mas também por todas as outras doenças, que não tiraram licença para que a epidemia se alastrasse à vontade. Não se espera encontrar o sr. Sarampo em um aeroporto, de havaianas e malas feitas, ansioso para chegar em Miami; ou o *mister* Aegypti de mochila nas costas pedindo carona na estrada em direção a Bariloche, na Argentina, após um longo e quente período de trabalho.

Nestes dias de solidão e silêncio, são os meus suspiros dispersos pela casa que me impulsionam de encontro à vida. As horas

acontecem assim, apenas acontecem. Tomo não sei quantos banhos para me sentir renovada, na ilusão de que sabe-se lá o que mudará a cada banho concluído. Como se o recomeçar a vida dependesse apenas do meu corpo limpo. Perdi a conta de quantos noticiários, novelas e seriados assisto por dia. A minha alimentação se resume a um eterno café da manhã cujo item principal é pizza gelada. A julgar pelo meu reflexo no espelho, esse pijama já faz parte do meu corpo. E a cada dia descubro novos pelos, os quais costumo cumprimentar com um "Ah, olá, você vem sempre por aqui?". Há dois meses não vou ao salão, embora não pare de roer as unhas, não estou nem um pouco incomodada com isso e até gosto. Afinal, qual o sentido de agonizar a cada fio pinçado da sobrancelha se ninguém vai notar? Sim, é claro, eu poderia fazer isso só para sentir bem comigo mesma. Mas, não anteder a expectativas projetadas sobre mim e este corpo que me tolera é libertador. Porém

nem tudo são flores. Em certos dias, esse "ter que fazer" me falta como faltaria o Norte à uma bússola. Aliás, minha mãe repara toda vez que conversamos por vídeo, dizendo: "Se cuida, minha filha, olha essas sobrancelhas... Você tá comendo direito? Olha o peso, hem?". Esse "hem" me mata de preguiça e é o sinal de que está na hora de encerrar a conversa. Digo, então, às pressas, "Tá bom, mãe. Preciso desligar." Mas quem, de verdade, precisa desligar nessas circunstâncias? No fim, só me dou conta de que mais um dia se passou, quando antecipo a previsão do clima do jornal das quatro da manhã.

– Na capital do Rio Grande do Norte, Natal, a máxima será de trinta e oito graus e mínima de vinte e oito. – arremedo.

Aliás, é muito estranho pensar que tem jornalista que acorda antes das quatro da manhã para dizer qual será o tempo. E ao vivo! Bom, ao menos o trabalho dele tem socorrido as minhas roupas das chuvas repentinas pela

manhã, já que passei a acordar só depois do meio-dia.

Antes da epidemia, minha rotina era longa, começava às cinco da manhã, quando eu me levantava para ir à escola onde trabalho, apesar das aulas suspensas. Só parava às onze da noite, com meu corpo estirado sobre o sofá após a faculdade. Lázaro e eu nos encontrávamos apenas no horário do almoço, quando chegava do trabalho para, após um cochilo, mergulhar nos estudos. Estes, como de costume, atrasados uma ou duas semanas. Estudar se torna algo lento e difícil quando as páginas dos livros se intercalam com as contas para pagar. Motivo pelo qual, inclusive, voltei a pedir dinheiro aos meus pais, coisa que não fazia há tempos e que me muito dói o orgulho. No início me angustiava mais, mas independente disso...

Desse ritmo, meu corpo já não se recorda, apesar da minha cabeça remoê-lo. Há dias que não vejo o Lázaro... "Está lá no

hospital, só que dessa vez é ele quem precisa de ajuda." Não sei como vim parar em pé na porta do quarto do meu irmão. É como se daqui até a minha cama surgisse uma distância continental capaz de apagar os momentos que vivi ao longo dessa minúscula trajetória domiciliar. Encosto no marco da porta e descanso meus olhos sobre as coisas de Lázaro. Como se voltasse a esconder no guarda-roupa da minha mãe. Solitária e sem poder sair, vejo o nosso apartamento emergir como um continente desconhecido, formado por países de hábitos e geografias distintos.

Há o País de Laura, habitado pela população laurense. De geografia montanhosa, responsável pelos hábitos cavernosos de seus habitantes, o País de Laura passa a maior parte do ano sob baixas temperaturas e alta umidade devido ao território subterrâneo e rochoso. Ao longo dos séculos, os laurenses se acostumaram à penumbra e por isso vestem, mesmo no verão,

grossas peles de bodes e cabras montanheses, apelidadas de *moleton*. Desprovidos de bacia hidrográfica e de vegetação própria, os laurenses, assim como seus vizinhos, os lazarocudos, frequentemente migram para a Terra das Culinarias para se abastecerem de alimentos e recursos.

O País de Lázaro, por sua vez... – "deixa de ser pateta!", tenho certeza que Lázaro diria isso se estivesse aqui – Enfim, embora também cortado pelas correntes migratórias, o País de Lázaro possui geografia e clima diferentes dos laurenses. O ano é dividido em duas temporadas, uma de grande mormaço, durante a qual os cidadãos lazarocudos passam seus dias como quem desfruta de praia e mar e, uma segunda estação, temperada e melancólica, ao longo da qual é raro de se ver os habitantes de tal país. – "Como agora, mas por motivos outros..."

Ambos os países fazem fronteira com a Terra das Culinarias e com a República das

Privadas. O primeiro é um país farto, movimentado por intenso turismo, principalmente de dia, mas que, durante a pandemia, passou também a ser destino do noturismo. O motivo de tamanha atração é a infinda quantidade de água potável e a farta culinária, tentação infalível para as populações notívagas. A República das Privadas, ainda que menor, não fica para trás da hospitalidade da vizinhança, suas águas termais e volumosa produção de fragrâncias, cremes e essências garantem fiel e afoito público sazonal. Para completar, a Costa Oeste do continente é protegida por longa cordilheira, a qual presta serviços de posto de vigia e farol à população continental. É comum, inclusive, a Cordilheira das Sacadas receber uma vez por mês os laurenses. Estes, afastados de sua terra natal, desfrutam dos indescritíveis pores do sol proporcionados pelas Sacadas.

"Lázaro tem razão, eu sou uma completa idiota." Mas a solidão acentuou essa tendência.

Falar sozinha e rir de mim mesma são passatempos recorrentes desde então. Se tem aí uma coisa que nunca imaginei foi que viver na minha própria casa se tornasse uma das maiores aventuras da minha vida. Se é que se pode chamar isso de aventura. De repente, tremulam por trás dos meus olhos marejados cenas do meu irmão e eu correndo pelas plantações de mandioca e pelos pés de manga no sítio do meu avô e daquele sofá, coberto por uma manta de crochê feita de quadradinhos e losangos coloridos, que minha avó costumava a usar na sala. Ficávamos ali, assistindo TV, até que de repente começávamos a jogar as almofadas um no outro, como dois gatos que, antes da brincadeira e correria, tivessem um momento particular de cuidado, repleto de mordidas e lambidelas.

Ao longo desses dias estranhos e liquefeitos, sou levada pelo sol até o sítio do meu avô, onde durante a infância meu irmão e eu nos reuníamos tantas vezes aos nossos

primos e familiares. Aquilo era uma alegria só. Durante o dia era a confusão, o corre-corre e a ansiedade pelos bolos e biscoitos do café da tarde, para à noitinha, enfim, sentir a nostalgia e o desejo de parar o tempo. O poente nos ensinava a saudade, assim como o domingo nos ensinava o pesar e a melancolia. A quarentena, ou seja lá qual for o nome disso que vivo, é um eterno domingo, porém sem o almoço em família, sem o cheiro do churrasco e da cerveja, sem aquele soninho preguiçoso após a refeição de fartura descomedida e, diria a minha mãe, sem a missa das seis no santuário. Por essas e por outras, tento reproduzir as lembranças e os momentos de infância ao longo destes dias tediosos e estranhos de pandemia. Um bolo de chuva ali, um feijão com angu aqui, a música preferida do meu pai enquanto passo o café, os filmes que vi quando garota no conforto do sofá da minha vó.

Uma das minhas redescobertas nesse mundo de um habitante só em que se

transformou a minha casa foi justamente o sol. Nunca fui uma pessoa do dia e prefiro aos cinzentos, que continuam me atraindo pela sua melancolia friorenta e chuvosa. O sol era até o momento um incômodo necessário que, sempre que podia, me impregnava de um mal-estar melado. O calor e o verão só eram bons mesmo naqueles quinze dias de praia e de férias. Fora isso era suadeira, calorão, mormaço e pernilongo. Mas não mais. De repente, quando andar pelas ruas soa como ameaça à vida ou crime – aliás, não soa, é uma ameaça – a casa ensolarada e a pele abrasando sob os raios do astro se transformaram em uma espécie de contato físico necessário com o que me sobrara da exterioridade. Aproveito cada segundo do calor, como se todo cair da noite fosse uma despedida.

Então, por um instante, são as casas que me habitam e não o contrário. Revivo e quase sinto o cheiro das bananas maduras, que se confundiam com a fruteira em formato de

cacho, flutuante pela cozinha da minha tia. Ali onde minhas primas, meus primos e eu tantas vezes nos reunimos. As risadas... "Que saudades de nossas gargalhadas incontroláveis, infantis e despreocupadas..." Reencontro esta casa que percorre os bastidores dos meus olhos, dia após dia, como a claridade que salta no "quando enfim" do enroscar de uma lâmpada. Transforma-se em todo um continente e eu, pequenina, procuro encontrar nele todos os lares nos quais eu, como uma andarilha, me senti em casa.

De volta ao quarto do meu irmão, há uma fina camada de poeira sobre a mesa. Parada diante da escrivaninha, uma cadeira vazia aguarda quieta e atenta como um cão espera pelo dono. Está ali em sua obediência, onde vi Lázaro tantas vezes, debruçado sobre exames ou relaxado com os pés cruzados sobre o móvel. Em cima de alguns livros, o porta-retrato com o ensaio de formatura relembra à turma da faculdade, sorridente e envelopada

em jaleco branco. Pela maquiagem, os jovens na fotografia parecem intocáveis e dessabidos das olheiras de longas noites de plantão que encontrariam e estão, sem dúvida, encontrando mais do que nunca. Caio sentada na cama. As lágrimas distorcem os rostos alegres no retrato. Os soluços passam pela porta, ganham a casa e ecoam nas paredes e cômodos vazios. Aos poucos, em um movimento espontâneo e desapercebido, meu corpo se encolhe e envolve os próprios joelhos. Deixa-se, enfim, deitar-se manso, quieto, como que esquecido.

Pela claridade algumas horas se passaram. Acordo e as lembranças despertam uma a uma comigo. Confirmo que ainda permaneço no quarto de Lázaro. As únicas coisas fora do lugar sou eu e o porta-retrato deixado ao meu lado. O resto é só espera. Levanto-me e antes de fechar a porta, olho por cima do ombro, instigada pela diferença de nossos quartos. O meu revolto pelas coisas que

denunciam movimento, vida; o dele intacto, seus pertences em silenciosa vigília, inertes. A porta fechada no fim do corredor espanta a luz do fim do dia para represar, agourenta, as minhas melancólicas lembranças. Da janela da sala, as luzes da tardinha brincam de escorregar nas dobras ondulantes da cortina.

Na expectativa de espantar a angústia, caminho até o que por um momento foi a Cordilheira das Sacadas, e encho meus pulmões de ar à procura de alguma esperança e força. As cores se despedem do dia e escapam da noite, afugentando-se na minha retina. Concluo que o entardecer não é belo apenas pela aquarela com que pinta as nuvens, enformadas em massas magentas, alaranjadas e azuis. A ideia de que um movimento em escala planetária ocorre com tamanho vagar e com tão retumbante silêncio me impressiona mais do que a palheta de cores que o envolve. Observo o pesado corpo celeste que se esparrama pelos montes até desaparecer,

como uma cremosa gema que, após empanar as serras, dá lugar ao pão-de-queijo que sacia, fração por fração, os meus olhos famintos pela beleza noturna do mundo. Sorrio quando a música invade a minha cabeça e me faz cantar mentalmente *Errare humanum est* diante da cena: *tem uns dias que eu acordo pensando e querendo saber...*

A rua lá embaixo arranha os pneus e reclama os motores dos automóveis. É isso... É nisso em que estou metida... A rua durante o dia balbucia a ignorância e durante à noite lamenta a solidão. Enquanto eu, aqui em cima, fico em silêncio junto do céu. Este que, como um sinalizador, é o único sinal de que o tempo ainda acontece e que continua a me arrastar em direção às incertezas e promessas do dia de amanhã. Meu irmão vai ficar bem, nós vamos.